Do remetente e do destinatário (em tempo de *Athena*)

Manuela Parreira da Silva
Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Qualquer correspondência epistolar coloca, para lá da sua contextualização e eventual importância histórica, a questão fundamental de determinar o papel desempenhado por cada um dos interlocutores nessa relação. Interessa-nos, tomando como exemplo algumas cartas escritas e recebidas por Fernando Pessoa (em tempos da revista *Athena*), perceber até que ponto podemos estar equivocados quando tendemos a pensar que a carta mostra (e esconde também) sobretudo o remetente/escrevente e só, subsidiariamente, o destinatário.

Palavras-chave: epistolar, remetente, destinatário, Duns Escoto.

Abstract

Any epistolary correspondence – in addition to its contextualisation and possible historical significance – raises the essential question of determining the role played by each interlocutor in that relationship. If we take as an example some of the letters written and received by Fernando Pessoa (in the days of *Athena* magazine), it is important to understand the extent to which we may be mistaken when we are inclined to think that the letter primarily shows (and also hides) the sender/writer and only secondarily the receiver.

Keywords: epistolary, sender, receiver, Duns Scotus.

CC BY

Atendendo ao facto de comemorarmos em 2024 os 100 anos de *Athena*, o título desta comunicação poderia fazer pressupor uma intenção minha de revisitar a história da revista, de um ponto de vista obviamente epistolar. Teria sido realmente uma possibilidade: dar conta, por exemplo, das cerca de duas dezenas e meia de cartas existentes no espólio pessoano, nas quais, de uma forma ou de outra, *Athena* é mencionada, e analisar o modo como foi preparada, divulgada e recebida pelos diversos leitores.

Na verdade, é minha intenção propor, em primeiro lugar, uma reflexão de carácter teórico, sugerida muito embora pela existência de duas ou três cartas particularmente interessantes. Colocam estas cartas, para lá da sua contextualização e importância histórica, a questão fundamental que consiste em nos interrogarmos sobre o papel desempenhado, na relação epistolar, quer pelo remetente/escrevente da carta, quer pelo seu destinatário. Interessa-nos saber o que cabe a um e a outro e determinar até que ponto não estaremos equivocados quando tendemos a pensar que a carta mostra (e esconde também, é certo) sobretudo aquele que escreve e só, subsidiariamente, aquele a quem se destina. No caso de Fernando Pessoa, isto acontece quase sempre: menosprezamos os seus interlocutores (à excepção, claro, de um Mário de Sá-Carneiro) e, com isso, esquecemos também a dimensão que assume, muitas vezes, a sua imagem reflectida no espelho da correspondência recebida. Como já o romântico Alfred de Vigny (1797–1863) notara: "La lettre peint la personne à qui l´on écrit aussi bien que celle qui écrit" (*apud* Diaz, 2002: 150).

É preciso, pois, lembrar que o destinatário é o motor da escrita, que, sem a convocação de uma segunda pessoa ausente, o discurso epistolar não se efectivaria. Nas palavras de Michel Foucault, a carta age, pelo próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, como age, pela leitura e releitura, sobre aquele que a recebe (Foucault, 1983: 13). Enquanto autor de uma carta "psicológica" (expressão usada por Sá-Carneiro) ou de autodiagnóstico, Pessoa dá-se, *provavelmente*, a conhecer. Mas, enquanto destinatário, é o Outro que lhe devolve (e nos oferece a nós, leitores intrusos, intrometidos no diálogo supostamente privado) um olhar distinto, enriquecedor, penetrante e, não raro, surpreendente.

Assim, numa conhecida carta datada de 31 de Agosto de 1925, dirigida a um amigo não identificado, Pessoa escreve:

ISSN 2183-4075

> Creio estar sofrendo um acesso – ligeiro, suponho, e, se assim é, curável – de loucura psicasténica. Como, se é certo o que de mim presumo – e se não é certo, é provável que o meu diagnóstico de leigo seja brando –, é recomendável o internamento em manicómio, e o Decreto de 11 de Maio de 1911 permite, num número qualquer de um dos seus artigos, que o próprio doente requeira esse internamento, vinha pedir-lhe o favor de me dizer como e a quem esse requerimento se faz, e com que documentos, se alguns são desde logo precisos, deve ser fundamentado. (Pessoa, 1999: 87–88).

Estamos perante uma carta cujo intuito se afigura meramente pragmático: obter uma informação. Será que estamos também em presença de uma carta autobiográfica? Até que ponto podemos levar a sério o propósito de Pessoa de se fazer internar? Até que ponto é verosímil o autodiagnóstico feito? *Psicastenia* é um termo usado no princípio do século XX para designar aquilo a que se chamava também "alma doente". Numa obra pioneira, em Portugal, Cláudio Basto (também ele colaborador a espaços de *A Águia*) descreve psicastenia como uma astenia, "resultado da derrota da energia psíquica, de potência espiritual, pela *contrariedade* tenaz e insensível do mundo exterior, de ordem social em particular" (Basto, 1912: 9).

Em 19 do mesmo mês de Agosto de 1925, dirige Pessoa uma longa e importante carta "literária" a um dos colaboradores do n.º 5 de *Athena*, Francisco Costa (de quem recebera, aliás, em 31 de Julho, uma carta merecedora de atenção, no que diz respeito ao assunto que agora nos ocupa). Está, portanto, Pessoa em plena posse de todas as suas faculdades argumentativas, numa altura em que se ocupa da revista, mas também de muitas outras e diversificadas tarefas. A correspondência conservada no espólio (enviada e recebida), neste ano de 1925, mas também em 1924, elucida-nos sobre a actividade frenética em que se envolve, como se desdobra em poeta, inventor e homem de negócios. Lembremos, por exemplo, as cartas destinadas à divulgação de *Athena* em Inglaterra e as cartas escritas com o objectivo de impor no mercado o seu recente invento (cuja patente regista em 26 de Outubro) de um Anuário Sintético.

É, portanto, admissível que a sobrecarga de trabalho, associada à grave perturbação causada pela morte da mãe (em 18 de Março desse mesmo ano) tenha produzido um efeito devastador no espírito de Pessoa. A carta de que nos ocupamos, e que não sabemos se chegou a ser enviada, pode, sem dúvida, ser entendida como um documento autêntico, no

ISSN 2183-4075

sentido em que toda a carta é, por natureza, um "fragmento de memória fossilizada", na feliz expressão de Brigitte Diaz (2002: 88), que permite proceder a um trabalho arqueológico de reconstituição do objecto e à sua reinscrição num determinado tempo. A carta de 31 de Agosto surge, assim, com um inegável alcance (auto)biográfico, fruto, dir-se-ia, de uma sinceridade indiscutível. A confirmá-lo, estaria a persistente e conhecida preocupação de Pessoa com a sua saúde mental. Lembremos, do ponto de vista epistolar, a carta de 15 de Outubro de 1920, para Ofélia Queiroz, bem perto do final da primeira fase do namoro, onde se observa a mesma intenção de internamento numa casa de saúde (curiosa relação que poderíamos estabelecer com uma obra inacabada, *Na Casa de Saúde de Cascais*…) e onde o "célebre" decreto de 1911 é igualmente invocado (decreto da autoria de Júlio de Matos que provocou, na época, enorme controvérsia[1]).

> Tenciono (sem aplicar agora o célebre decreto de 11 de Maio) ir para uma casa de saúde para o mês que vem, para ver se encontro ali um certo tratamento que me permita resistir à onda negra que me está caindo sobre o espírito. (Silva, 2012: 188).

Contudo, o epistolar é propício à ambiguidade; torna-se muitas vezes "une mise en fiction de la vie de l`épistolier" (Haroche-Bouzinac, 1995: 135). Por isso, a carta de 31 de Agosto (tal como a de 15 de Outubro) pode ser lida como móbil de uma (auto)encenação, como exercício paraliterário. Por outro lado, agindo, pelo próprio gesto de escrita, sobre aquele que a escreve, como propõe Foucault, cumpre, por assim dizer, uma função especular, autotélica, numa palavra, catártica, ajudando a expulsar o fantasma da loucura, e pode, então, ser lida e entendida como auto-destinada: Fernando Pessoa destinatário de si mesmo.

Consideremos agora uma carta em que Pessoa é, objectivamente, destinatário, o destinatário de Hernâni Cidade, carta essa recebida na redacção de *Athena*, muito provavelmente em 1924, logo após a saída do n.º 1 da revista. O remetente, que viria a distinguir-se como ensaísta e crítico literário de nomeada, alguns anos mais tarde, era, na altura, com cerca de 37 anos, *apenas* um professor especialmente atento, colaborador da revista *A Águia* e de outras publicações. Na sua carta, envia dez escudos para assinatura da

[1] Veja-se, por exemplo, a reacção de um dos internados involuntários, Alberto da Cunha Dias, amigo de Pessoa, desde, pelo menos, os tempos de *Orpheu* (Silva, 2004: 67 e 495).

ISSN 2183-4075

revista, fazendo votos pela sua prosperidade e desejando-lhe melhor sorte do que a das suas efémeras congéneres (subentendendo-se aqui *Renascença*, *Orpheu*, *Centauro*).

Exmo. Snr.

Vão aqui incluídos os 10$00 esc. da minha assinatura da Athena. Com eles vão também os melhores votos pelas prosperidades da brilhante revista, de que peço me considerem assinante. Oxalá não tenha a sorte das congèneres! Ao Fernando Pessoa peço a V. Exª tenha a bondade de transmitir que o interesse que me prende à Athena sobretudo vem da afectuosa admiração que há muito voto ao seu talento… Ia-lhe chamar omnipotente, se lhe não faltasse – hélas! – o poder de se aplicar com insistência, continuidade – e fé, sobretudo! – à realização duma Obra. Que filho estroina do Doctor Subtilis, êsse herdeiro perdulário de todas as suas riquezas-a-menos e da vontade paciente e fecunda!

Creia, Exmº Snr

confrade admirador

Hernani Cidade

(Esp.3. 87A-22 e 22a)

Se repararmos, Hernâni Cidade dirige-se a Fernando Pessoa, na qualidade de director da revista, designando-o por Ex.mo Senhor e depois por V. Ex.ª – tratamento que, de algum modo, surpreende, se tivermos em consideração que os dois interlocutores se conheciam pessoalmente, desde, pelo menos, 1912. Ao director, pede Hernâni Cidade que transmita *a Fernando Pessoa* que o seu interesse pela "brilhante revista" deriva, primeiro que tudo, da "afectuosa admiração que há muita [vota] ao seu talento…". E acrescenta: "Ia-lhe chamar *omnipotente*, se lhe não faltasse – *hélas!* – o *poder* de se aplicar com insistência, continuidade – e fé, sobretudo! – à realização duma *Obra*".

Esta *censura*, feita em 1924, é sintomática. Por um lado, parece revestir-se de alguma delicadeza, pelo artifício usado de pedir ao director da revista, Fernando Pessoa, que a transmita ao escritor/autor Fernando Pessoa. Na verdade, sendo conhecedor, desde os tempos de *Orpheu*, da aventura "futurista" do seu destinatário e do seu desdobramento em

ISSN 2183-4075

Álvaro de Campos, Hernâni Cidade, a quem não faltava sentido de humor, ironiza, brinca, por assim dizer, com ele. Por outro lado, não deixa de haver um lamento que, de alguma maneira, faz lembrar os incitamentos de Mário de Sá-Carneiro, patentes na correspondência de Paris, para que Pessoa não adiasse a sua afirmação como grande poeta.

Em 1924–1925, o Fernando Pessoa de Hernâni Cidade era, pois, alguém a quem estranhamente faltava uma *Obra*. É essa imagem de si que Pessoa pode colher no espelho do texto epistolar. E, no entanto, não terá deixado de notar, com alguma ironia também, que o seu interlocutor nem sequer reconhecera (e como poderia?!) nas odes de um tal Ricardo Reis, *aparecidas* no primeiro número de *Athena*, a mão do mesmo criador de Álvaro de Campos.

Faltava, porém, a realização de uma obra consistente, sólida, até do ponto de vista editorial, que desse continuidade a esse talento amplamente reconhecido por Cidade – um talento que teimava, no seu entender, em ser desperdiçado. As palavras da carta são elucidativas, ao rotular Fernando Pessoa como "herdeiro perdulário" e "filho estroina do *Doctor Subtilis*".

Vem, a este propósito, revisitar a publicação desta carta e respectivo comentário feitos por Maria Aliete Galhoz, na revista *Colóquio* (n.º 96, Março de 1987), sob o título "Uma Carta de Hernâni Cidade para a Revista *Athena*". A autora detém-se especialmente naquilo a que chama a "críptica alusão" ao *Doctor Subtilis*, aventando algumas hipóteses, todas elas descartadas, acerca da identidade da aludida figura. Cito essa parte do artigo:

> Pessoa, o aludido, era *críptico* – e o jogo de facetas, incluindo herméticas, que todos lhe conhecemos. Discípulo do "*Doctor Subtilis*"? "*Doctor Subtilis*"? O nosso acervo *comum* leva-nos sem querer à relacionação com o Doutor Fausto (via Goethe, salvífico do Fausto e não do *Doctor Fausto* de Marlowe, não salvífico do Fausto) ou do próprio Goethe (rosicruciano?). Nada apurámos, contudo, na nossa busca, e nem as personalidades que abordámos conhecedoras da matéria nos souberam (ou protocolarmente não deveriam?) adiantar nenhuma informação esclarecedora. Do enciclopedismo *geral* e *não críptico* consta apenas João Duns Escoto (1265/1266–1308), franciscano, escocês de origem, escolástico e filósofo de via própria, apelidado de "Doutor Subtil". Hernâni Cidade começou os seus estudos no Seminário de Évora, ainda frequentou Teologia, mas, *dado* Pessoa, e dados os conhecimentos do próprio Hernâni Cidade, não creio que esteja neste "Doutor Subtil", teólogo sem tentação Maior, o

ISSN 2183-4075

> caminho que levanta o véu desta alusão, alquímica (refere "*Obra*" na carta) mais provavelmente. (…) Deixo a pergunta. E este "Doutor Subtil" a quem se referirá?
>
> (Cidade, 1987: 17)

Atrevo-me a discordar de Maria Aliete Galhoz quando põe de parte a hipótese Duns Escoto (c. 1265–1308), ainda que ressalve o provável conhecimento que Hernâni Cidade teria, por via da sua educação no Seminário de Évora, da obra do teólogo-filósofo medieval. Acrescento eu que Hernâni Cidade não poderia deixar de ter conhecimento de um autor tão decisivo na história da filosofia escolástica, até pela sua contemporaneidade com São Tomás de Aquino e pela forma como dialoga com ele e o confronta, assim como contradiz, no geral, muitas formulações teóricas da filosofia aristotélico-tomista. Em 1924–1925, e bem depois, Tomás e Escoto continuavam a ser referências importantes no meio universitário, até no que respeita aos estudos literários.[2]

De resto, foi o modo como Duns Escoto "introduziu no discurso filosófico inúmeras inovações conceptuais, argumentativas e doutrinais sobre o ser, a univocidade, os universais (…)" (Meirinhos e Pulido, 2008: 302) que, ainda nas últimas décadas, face ao que podemos entender como novo impulso filosófico para a Metafísica, permitiu continuar a tê-lo como inesperada influência. É o caso de Gilles Deleuze, que toma a questão da "univocidade do ser" proposta por Duns Escoto como referência maior das suas próprias indagações.

O que confere a Duns Escoto o epíteto de *Doctor Subtilis* é precisamente a sua "genialidade especulativa e argumentativa", a forma como "os argumentos a favor ou contra determinadas posições provocavam aproximação ou afastamento face às doutrinas precedentes (…)", e o facto de ser um "leitor minucioso e argumentador criativo", cujo pensamento se faz "também em diálogo com o passado e renova-se através de diversas formas de influência e de assimilação aos tempos sucessivos" – citações de José Meirinhos e Manuel Lázaro Pulido, coordenadores dos trabalhos do Colóquio realizado, ainda em 2008,

[2] Ainda em 1960, Hernâni Cidade planeia e coordena uma obra em dois volumes, *Os Grandes Portugueses* (Arcádia), na qual inclui a figura de um muito pouco conhecido Beato Amadeu da Silva (1420–1482), franciscano, autor de *Apocalysis Nova*, obra em latim, onde discute e cita longamente quer São Tomás de Aquino quer o também Beato e franciscano Duns Escoto.

ISSN 2183-4075

na Universidade do Porto, sob o lema "João Duns Escoto (c. 1265–1308) e as origens da Filosofia Moderna" (*ibid.*: 307–308).

Creio que não podemos deixar de sentir como estas citações facilmente se adaptariam à personalidade especulativa de Fernando Pessoa. Há nele, dir-se-ia, um "sootil entender", próprio de "um pensador por conta própria", para usar as palavras de Pinharanda Gomes, atribuídas ao rei Dom Duarte (Gomes, 1992: 47) e que aqui me parecem apropriadas.

É nesse sentido que me permito entender a expressão usada por Hernâni Cidade. Em 1924, a perspectiva que este tem de Pessoa é sobretudo a de um "singularíssimo temperamento de intelectual, para quem os factos de ordem emotiva se convertiam sempre em termos de ordem intelectual"[3], a de alguém "enamorado das ideas – tôdas as ideas – e do seu jogo hábil (…)" (Cidade, 1937: 49). São palavras que Cidade dedica a Pessoa, numa "Introdução à Moderna Poesia Portuguesa", inserta na revista *Seara Nova* (n.º 531, 16 de Outubro de 1937), onde, embora se refira à múltipla personalidade de Pessoa, ignora ou, pelo menos, não releva a importância da heteronímia,[4] senão o facto de ser autor de *Mensagem* e "aí por 1913 um dos mestres do movimento futurista".

Para Cidade, como observa numa conferência realizada no Brasil, subordinada ao tema "Portugal Histórico-Cultural, através de alguns dos seus maiores escritores", Fernando Pessoa era, entre os colaboradores de *A Águia*, aquele que haveria de "cumprir destinos poéticos de maior projecção e altura", sendo certo que, na altura, como diz, "apenas se afirmava como prosador – e de inteligência que parecia, pelo seu poder dialéctico e crítico, menos lhe facilitar o realizar-se como poeta" (Cidade, 1958: 229).

Nesta intervenção, Hernâni Cidade passa em revista os artigos de Fernando Pessoa, escritos em 1912 na revista portuense, sublinhando a controvérsia gerada pelo anúncio do Supra-Camões[5] e pronunciando-se sobre a "acrobacia dialéctica" pessoana e a consequente dificuldade em "descriminar a sinceridade da mistificação". Acaba, porém, por se redimir,

[3] Talvez não por acaso, uma das críticas feitas a Duns Escoto era justamente a sua falta de emotividade, em detrimento da racionalidade.

[4] Curiosamente, é José Régio quem Hernâni Cidade considera "o maior dos poetas de vanguarda (…) Penetrante lucidez crítica, cultura clássica e moderna (é professor de Liceu, como Mallarmé)" (*ibid.*: 51).

[5] Sublinhe-se que, por altura do conhecido *Inquérito Literário*, levado a cabo por Boavida Portugal no jornal *República* (1912), H. Cidade destaca, ao fazer uma "síntese comentada" das diversas respostas, as duas únicas intervenções dignas de nota: "Na resposta do professor Adolfo Coelho ao inquérito e na réplica de F. Pessoa ao sábio lente da Faculdade de Letras, eu vejo resumido todo o Inquérito" (Portugal, 1915: 275). A Pessoa, não deixa, porém, de criticar a ousadia de algumas afirmações que precisariam de maior comprovação.

ISSN 2183-4075

destacando a sua realização plural como grande poeta. Será que Pessoa deixara de ser apenas o "filho estroina do *Doctor Subtilis*"?

Seja como for, em tempo de *Athena*, o epíteto faria todo o sentido para Hernâni Cidade. O retrato que pinta de Pessoa e lhe envia, num *envelope* aparentemente enigmático, terá provocado algum efeito, terá agido sobre o destinatário. Fernando Pessoa terá certamente recebido com satisfação o elogio ao seu talento, terá até sentido, quem sabe, um estímulo para se tornar autor(es) de uma Obra efectiva.

Mas, também para ele, Duns Escoto não seria um desconhecido. Atentemos, pelo menos, num livro da sua biblioteca, no qual algumas passagens alusivas a Duns Escoto surgem sublinhadas: refiro-me a *A Short History of Freethought*, de John M. Robertson (1915: 318 e 336).

É de admitir que Fernando Pessoa não tenha ficado indiferente ou não tenha querido deixar passar em claro a alusão irónica ao Doutor Subtil. Tanto quanto se sabe, não respondeu à carta, mas ouso aventar a hipótese de que terá delegado em Álvaro de Campos uma resposta adequada. De facto, parece ter sido o heterónimo (o único conhecido à data por Hernâni Cidade) a *acusar a recepção da carta*, fazendo-o, porém, por via indirecta e sibilina, em jeito de *boutade*, no artigo do n.º 2 de *Athena*, intitulado "O que é a Metafísica?", onde interpela o próprio Fernando Pessoa. Aí, se lê, a dada altura:

> Compare Fernando Pessoa as discussões dos escolásticos com, sobretudo, as dos socialistas, comunistas e anarquistas modernos. É o mesmo especulativismo de manicómio, ressalvando que os escolásticos eram subtis, disciplinados no raciocínio e inofensivos (…) (Pessoa, 2000: 231).

Estamos, assim – no que diz respeito à carta de Hernâni Cidade, de quem, enquanto remetente, ficamos a saber quase nada –, perante um duplo destinatário, melhor dizendo, um triplo destinatário: Fernando Pessoa, director da revista, que se limitaria a registar a assinatura do seu interlocutor; Fernando Pessoa, o escritor de talento quase-omnipotente; e o *alter-ego* Álvaro de Campos, sempre à espreita, que, "lendo" também a carta, por ela se deixa provocar. Podemos, de resto, aproveitar este exemplo para confirmar a asserção de Jacques Derrida,

ISSN 2183-4075

que, na sua monumental obra *La Carte Postale*, defende que toda a correspondência convoca para o seu universo um "consortium d'expéditeurs et de destinataires" (Derrida, 1980: 116).

Se, a propósito da carta de 31 de Agosto para o amigo não identificado, pus a hipótese de se tratar de uma "mise en fiction", de um poder "acontecer-se perante si próprio" (Pessoa, 1986: 190) – hipótese que é válida, diga-se, não apenas para inúmeras cartas de um *fingidor* como Pessoa, como para qualquer autor de escrita epistolar –, devo acrescentar essa outra evidência: a de que, ao nível do destinatário, se opera igualmente uma cisão do *eu*. Aquele que lê (e relê) a carta recebida, ao captar as várias camadas do texto epistolar (que raramente é um objecto fixo, mas fluido, proteico de sua natureza, marcado por uma temporalidade muito própria), é, por força de razão, tocado na sua alteridade e, como tal, compelido a responder. Ler consiste, como alguém já disse, em provocar relações; é, pois, um acontecimento relacional. A leitura de uma carta provoca quase sempre um desejo de escrever, de tomar a palavra, em nome próprio ou na pele desse(s) *outro(s)* que o remetente, inconscientemente ou não, convocou. Por isso, às vezes, muitas vezes, quem responde não é *aquele* a quem se escreveu ou se supôs escrever. Daí, o grande fascínio das correspondências, que reside, precisamente, no convite, em boa medida detectivesco, à decifração, ao desenredamento de uma teia complexa de múltiplas vozes.

Referências

BASTO, Cláudio (1912) *Alma Doente (a génese da psicastenia)*, Viana do Castelo: Tip. de André J. Pereira & Filho, Sucessor.

CIDADE, Hernâni (1937) «Introdução à Moderna Poesia Portuguesa», *Seara Nova*, 531: 48–51.

CIDADE, Hernâni (1958) *Portugal Histórico-Cultural, através de alguns dos seus maiores escritores,* Salvador-Bahia, Universidade da Bahia, Aguiar & Souza Ltd., Livraria Progresso Editora.

CIDADE, Hernâni (1987) «Uma Carta de Hernâni Cidade para a Revista *Athena*», *Colóquio*, 96: 15–20.

DERRIDA, Jacques (1980) *La Carte Postale, de Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Aubier-Flammarion.

DIAZ, Brigitte (2002) *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*, Paris, Presses Universitaires de France.

GOMES, Pinharanda (1992) *Entre Filosofia e Teologia*, Lisboa, Fundação Lusíada.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1995) *L'Épistolaire*, Paris, Hachette.

MEIRINHOS, José e Manuel Lázaro PULIDO (2008) *João Duns Escoto e a Filosofia*, Porto, Universidade do Porto.

PESSOA, Fernando (1986), *Obra Poética e em Prosa,* Vol. III, Org., introd. e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa, Porto, Lello & Irmão.

ISSN 2183-4075

PESSOA, Fernando (1999) *Correspondência (1923–1935)*, Ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim.

PESSOA, Fernando (2000) *Crítica: Ensaios, Artigos e Entrevistas*, Ed. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim.

PORTUGAL, Boavida (1915) *Inquérito Literário*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.

ROBERTSON, John M. (1915) *A Short History of Freethought*, London, Watts & Co.

SILVA, Manuela Parreira da (2004) *Realidade e Ficção – para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim.

SILVA, Manuela Parreira da, ed. (2012) *Cartas de Amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz*, Lisboa, Assírio & Alvim.

CC BY

Manuela Parreira da Silva é professora jubilada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). É investigadora do IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição) e tem-se dedicado, nos últimos trinta anos, ao estudo do espólio de Fernando Pessoa, sendo responsável por várias edições de textos pessoanos. Tem igualmente colaborado no tratamento do espólio de Almada Negreiros e Sarah Afonso. É autora de diversos artigos em jornais e revistas, bem como dos livros *Realidade e Ficção, para uma Biografia Epistolar de Fernando Pessoa* (2004) e *A Grande Guerra do Modernismo Português* (2023).

ISSN 2183-4075